
Maceió Visual: Territórios e Memória da Cidade A Partir da Fotografia¹

Trinny ALARCON²
Vitória de ALENCAR³
Janayna ÁVILA⁴
Universidade Federal de Alagoas, AL

RESUMO

Este artigo analisa as relações entre a cidade de Maceió, memória e identidade. Foram analisadas imagens fotográficas dos últimos dez anos (2007-2016), feitas por seis fotógrafos maceioenses ou radicados na cidade, para compor o conjunto iconográfico da capital alagoana e investigar a importância da memória visual para a construção de um referencial histórico de Maceió.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; cidade; memória.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a necessidade de uma memória documental é presente na vida dos seres humanos, com a finalidade de eternizar um momento, mantê-lo ao alcance e, de certa forma, provar que ele existiu. Em relação às cidades, a fotografia captura as mudanças feitas em sua paisagem, como é natural que aconteça ao longo do tempo, e serve como registro dessas alterações. Afinal, como explica Boris Kossoy (2014, p.102), “a informação visual do fato representado na imagem nunca é posta em dúvida”.

É neste contexto da fotografia como fonte de informação e enquanto documento iconográfico que surge a pesquisa Maceió Visual, desenvolvida desde agosto de 2016 como projeto de iniciação científica (Pibic/Ufal), buscando compreender como é construída uma paisagem iconográfica, através da análise de um conjunto de 30 fotos produzidas por seis fotógrafos alagoanos (ou radicados no estado) nos últimos dez anos

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do curso de Jornalismo do COS-Ufal, membro do grupo de pesquisa GCult - Mídia, fotografia e estudos culturais email: trinnypalarcon@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do curso de Jornalismo do COS-Ufal, membro do grupo de pesquisa GCult - Mídia, fotografia e estudos culturais email: vitoriadealencar@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Ufal e líder do grupo de pesquisa GCult - Mídia, fotografia e estudos culturais, email: janayna.avila@ichca.ufal.br

(2007-2016). A partir das obras de Alice Jardim, Celso Brandão, Francisco Oiticica, Leo Villanova, Renata Voss e Ricardo Lêdo, pudemos construir um panorama dessa representação imagética e compreender sua relação com memória e identidade cultural.

Buitoni (2013, p. 111) defende, em seu texto *Cidade, Paisagem, Fotografia, Emblemas*, que antes mesmo da fotografia, as cidades já eram representadas através de desenhos em gravuras acompanhadas de um imaginário figurativo, logo, quando a fotografia surgiu, muitas cidades já tinham consolidado determinadas imagens como sua identidade visual. Para Buitoni (2013, p.111), “assim que a fotografia começou a se disseminar no mundo ocidental, as cidades se tornaram imediatamente objeto dos fotógrafos. Afinal, construções, ruas, jardins e monumentos eram o entorno em que fotógrafo e câmera se situavam”.

Em *Cartões-postais: a construção coletiva da imagem de Maceió*, Fátima Campello (2011) mostra com registros de 1903 a 1934, o conjunto de cartões postais antigos de Maceió, onde se destacavam praças, prédios públicos, a lagoa Mundaú e os bairros de Bebedouro e Levada. Os cartões-postais são uma memória física e, no passado, tiveram importância significativa na representação das cidades.

Com o tempo, novas construções surgiram na capital alagoana, elevando ou rebaixando o status social de determinados bairros, dando espaço a um novo conjunto iconográfico da cidade, voltado cada vez mais para a praia. Isso se torna mais claro quando, em entrevista concedida por e-mail, o fotógrafo Ricardo Lêdo explica que certas mudanças paisagísticas em Maceió se perdem conforme a cidade se expande, sendo conhecidas por gerações mais novas apenas por fotografias, caso tenham sido registradas.

Dessa forma, entende-se que os referenciais históricos de Maceió são tão vulneráveis quanto seus registros: dependentes de terceiros e suscetíveis às ações do tempo. Em *Maceió de Outrora*, Félix Lima Júnior (2014) destaca os problemas acarretados pela informalidade da capital alagoana, onde um mesmo riacho tinha quatro nomes diferentes e não se sabia identificar qual o oficial, pois em documentos como escrituras de compra e venda, o riacho era denominado de maneiras diferentes. O autor, por diversas vezes, aponta o descaso com a preservação do patrimônio local.

O velho sobrado foi então demolido pela proprietária, Dona Eudócia Dargantina Oiticica Ferreira, que nele residiu alguns anos, depois de reconstruído, ocupando a parte alta. Na parte térrea, esteve a Chapelaria Lisboa, de Samuel Lisboa. Anos depois, o sr. Manoel Cupertino da Silva, funcionário federal, servindo nos Correios desta

cidade, montou ali o Café Central, imediatamente conhecido como o Café do Cupertino. (LIMA JÚNIOR, p. 132)

Com o desprezo em relação aos bairros e patrimônios históricos, as famílias de classe média e alta iniciaram um processo migratório para as áreas mais próximas à praia. A partir daí, os cartões-postais de Maceió passaram a se concentrar nesse cenário, exaltando as belezas naturais, e os antigos bairros nobres foram ocupados pelas classes mais baixas. Dessa forma, a representação da paisagem iconográfica da capital alagoana também migrou. Para Léo Villanova, é um problema de estima: “O maceioense, como legítimo alagoano, sofre de baixa autoestima, e, por conta disso, não valoriza nada que seja relativo à sua história, muito menos resquícios dela, como sua arquitetura e monumentos”⁵.

Somado ao histórico descaso com a preservação da cidade, esses bairros foram tomados por lideranças locais e, em alguns casos, pelo crime. Os índices de violência de Maceió afetam diretamente no que é registrado ou não pelos fotógrafos. Para fotografar os bairros mais distantes da orla marítima, faz-se necessário o uso de recursos como segurança particular ou fotografar de dentro de um veículo. Francisco Oiticica explica como isso afeta diretamente na qualidade das imagens. “Os mesmos assuntos que me despertavam interesse estão agora borrados, fragmentados, esbatidos uma vez que acelerada a velocidade de deslocamento de quem estava antes acostumado a percorrê-la devagar”⁶, lembra. Além da influência na qualidade das imagens, a violência interfere também na quantidade de registros fotográficos. Ricardo Lêdo classifica a inibição causada pelos índices criminais como uma quebra de diálogo.

Com certeza estamos cada vez mais inibidos e com medo de sair nas ruas contemplando a paisagem. Então fica claro que a produção cai muito. A fotografia precisa de harmonia entre o olhar e o que se fotografa. A violência quebra esse diálogo, o medo provoca o abandono, restringe o humano a contemplar a cidade. Numa cidade onde o medo é uma sensação constante há um impacto grande sobre a produção fotográfica. Isso é triste também.⁷

Villanova completa: “O caminho mais fácil seria captar os lugares-comuns, as belas praias, as rotas onde um turista passaria e não imagina qual é a face real da cidade”.

A ORLA COMO OUTDOOR

⁵ Entrevista realizada com o arquiteto e fotógrafo Léo Villanova, via e-mail, em 9 de dezembro de 2016.

⁶ Entrevista realizada com o fotógrafo Francisco Oiticica, via-email, em 9 de dezembro de 2016.

⁷ Entrevista realizada com o fotógrafo Ricardo Lêdo, via e-mail, em 9 de dezembro de 2016.

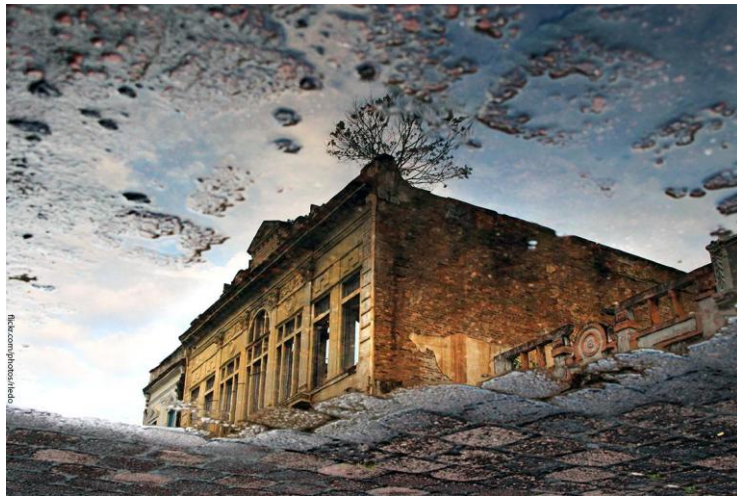
O vínculo com o mar é uma marca identitária de Maceió. No bairro de Jaraguá, na orla marítima da capital, a afinidade é mais evidente: o local teve seu desenvolvimento atrelado ao surgimento do porto de Maceió e crescimento dos serviços ligados à zona portuária. Exportando produtos como açúcar, fumo e coco, a atividade comercial proporcionou a construção de armazéns e lojas que movimentaram o bairro.

A própria municipalidade ressalta a importância da relação com o mar para o nascimento da cidade: “A existência do ancoradouro natural e a facilidade de exportação do açúcar sem exigências rigorosas e às vezes extorsivas do fisco, muito contribuiu para a localização do engenho que originou o povoado de Maceió” (MACEIÓ, 1995). Entretanto, com o início da construção da indústria química Salgema (hoje, Braskem), no bairro Pontal da Barra, em meados da década de 1970, o bairro Jaraguá, que guarda certa proximidade com o Pontal, foi mais um dos que se desvalorizou e, conseqüentemente, foi abandonado.

Na década de 90, a Prefeitura de Maceió iniciou um projeto de revitalização, restaurando casarões e ruas do Jaraguá. Bares e boates foram abertos no bairro histórico, que também é sede da prefeitura, da Associação Comercial (cuja sede é um prédio em estilo neoclássico, ponto turístico da cidade) e do Centro de Convenções. Para Francisco Oiticica, o descaso e o apagamento dos bairros mais antigos revelam um projeto incompleto de civilidade. Ele estabelece uma relação entre o belo e o feio para exemplificar o descaso com os bairros mais antigos. “[...] Um terceiro motivo seria a insurgência dos grupos desassistidos por aquela mesma elite que erigiu uma cidade para si, sendo devorada depois pelo mero crescimento vegetativo da população, sem planejamento”, expõe.

Na foto abaixo (fig.1), Ricardo Lêdo retrata a negligência em relação aos casarões do Jaraguá e ao patrimônio arquitetônico. Como não existe um cuidado com a preservação dos referenciais históricos, eles mudam a cada nova geração: o que, para uma geração, era ícone, um marco simbólico, corre o risco de não ser conhecido pela próxima. “As transformações são radicais. Só sabe quem tem mais de 40 anos e viu outra cidade, bem diferente. Eu procuro, no meio desse caos, a beleza que ainda existe”, afirma Lêdo. Sendo assim, são infinitas as possibilidades de memórias de um mesmo lugar na cidade.

Fig. 1 – Ruínas do bairro histórico de Jaraguá



Fonte: acervo Ricardo Lêdo

Já a foto a seguir (fig. 2), de Leo Villanova, foi publicada na *fanpage*⁸ Maceió Visual e mostra os barcos utilizados pelos pescadores da Vila de Pescadores de Jaraguá. No post, seguidores lamentaram o vazio físico e a violência no processo de desocupação pela Prefeitura de Maceió. “O que restam são as lembranças de pescadores/as que lutaram o quanto puderam para continuar morando em seu local de sustento. Restam também as lembranças dos últimos momentos de resistência coletiva”, lembrou uma seguidora⁹.

Fig. 2 – Barcos de moradores da Vila de Pescadores de Jaraguá no dia da remoção



Fonte: acervo Leo Villanova

⁸ O projeto de pesquisa lançou uma *fanpage*, em janeiro de 2017, chamada Maceió Visual, na rede social Facebook, com o objetivo de analisar a interação e conhecimento dos seguidores sobre os emblemas e cenários da capital alagoana.

⁹ Comentário feito por usuária do Facebook em publicação da *fanpage* Maceió Visual.

Para Leo Villanova, os signos da capital alagoana têm relação direta com as águas. Nesse sentido, o farol da Ponta Verde é um dos símbolos mais conhecidos da orla marítima de Maceió. Buitoni (2013, p. 114) diz que “características físicas plasmadas com simbolismos sempre estão nas fotografias que captam cidades e, mais ainda, nas que buscam claramente acentuar uma identidade urbana”. Na imagem a seguir (fig. 3), Ricardo Lêdo retrata o farol da Ponta Verde como um dos signos visuais fundamentais para a construção da paisagem identitária de Maceió, ponto de chegada e partida, a orientar as embarcações.

Fig. 3 – Foto aérea do farol da Praia de Ponta Verde



Fonte: acervo Ricardo Lêdo

Ao procurar por imagens que representem a cidade, por vezes é difícil encontrar fotografias que apresentem Maceió para além da praia. Mesmo em buscas online o que se vê são imagens turísticas, com águas cristalinas e vastos coqueirais. A mídia, especialmente via campanhas empreendidas por órgãos de turismo, apresentam a cidade com a imagem sempre voltada para as paisagens naturais, sobretudo praias.

A praia representa uma Maceió de bairros privilegiados como Ponta Verde, Pajuçara e Jatiúca, e aponta um tipo de paisagem que nem sempre é aquela observada por quem vive no local. A pesquisadora Dulcilia Buitoni reflete sobre como a mídia faz tais recortes intencionados:

Jornais e revistas operam com recortes seletivos de fragmentos de espaços da cidade. No caso de fatos jornalísticos específicos, são fragmentos que servem de cenário à ação. Porém, quando a matéria pede uma imagem mais emblemática, esses recortes tendem a fixar determinadas imagens que trazem forte carga simbólica construída ao longo de décadas ou mesmo séculos. (BUITONI, 2013, p. 113)

Portanto, em Maceió, a figura simbólica mais presente é a paisagem natural, de praia. Para Renata Voss¹⁰, que é maceioense e uma das fotógrafas cuja obra integra o corpus dessa pesquisa, cada um enxerga uma cidade diferente:

Ser azul. Os coqueiros. Vendedor de Caicó. As marcas das empresas de ônibus. Jaca no ambulante. Vento. Certos monumentos e praças. Acho que isso tem relação em parte com a experiência que cada um tem na cidade por um lado e por outro lado de como e o quanto a paisagem é replicada ao longo dos anos.

Para Buitoni (2013) a imagem que o observador faz, aquele que não habita o local, também muda a imagem que será passada para a mídia, pois mesmo que moremos em cidades que estão em constante transformação, com desconstruções e construções, há uma tendência da mídia em fixar imagens emblemáticas:

Queremos aqui reforçar as diferenças entre o espectador – o não habitante da cidade, que pode ser o leitor que vive em outras localidades – e o usuário que vive naquele espaço urbano. As duas percepções acabam interagindo quando transpostas para um meio impresso ou digital: o leitor de outra cidade identifica características que já reconhece de publicações passadas; por sua vez, o usuário também se contagia por antigas representações já consolidadas, ao mesmo tempo em que contribui para transformações de interpretação. (BUITONI, p. 115)

Ainda assim, a praia é apontada por Voss em suas fotografias como um espaço de memórias ou de exercício da criatividade com um elemento tão comum no cenário local quanto um coqueiral, como mostra a fig. 4.

Fig. 4 – Coqueiral da Praia de Ponta Verde (série Artifício)



Fonte: acervo Renata Voss

Nesta imagem, a fotógrafa fez uso do aparelho celular para capturar a paisagem e também utilizou a função “panorâmica” para fazer os recortes e o jogo com a fotografia, transformando o comum em algo novo.

Outra fotografia cuja obra também é objeto da presente pesquisa é a alagoana Alice Jardim, que retratou em uma de suas séries o riacho Salgadinho, como é

¹⁰

Entrevista realizada com a fotógrafa Renata Voss, via e-mail, em 15 de dezembro de 2016.

conhecido, famoso pela imensa quantidade de lixo que carrega e por ser o deságue do maior esgoto a céu aberto da capital alagoana diretamente no mar, como é possível observar na fig. 5.

Fig. 5 – Furta Cor (série Postal Digital)



Fonte: acervo Alice Jardim

No entanto, o riacho já foi até mesmo próprio para banho e navegável. “O aterro do riacho, fazendo-o desaguar na belíssima praia de Jaraguá, incontestavelmente foi, mais do que um crime, um erro.” (LIMA JÚNIOR, 2014, p. 180).

O riacho deságua na Praia do Sobral, distante da “zona turística”, mais próxima ao Centro. Ponto visto por aqueles que, enquanto turistas, se aventuram a percorrer outros locais da cidade, mas que nada possui em questão de atratividade, além do mau cheiro. A imagem choca por realmente mostrar como as águas do riacho apodrecido invadem o mar.

Para Vilém Flusser (1985), o caráter aparentemente não simbólico, objetivo, de imagens técnicas como essa, faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas do real e não imagens somente:

O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador face às imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. Algo que apresenta consequências altamente perigosas. (FLUSSER, p. 10)

Em Alagoas, a natureza possui um forte apelo na representação social do território e para o antropólogo Bruno César Cavalcanti¹¹ há uma desconfiança de que esta característica de destaque à natureza deve-se mais à ausência de narrativas históricas abrangentes e mais ou menos consensuais entre os alagoanos, do que propriamente à exuberância de nosso cenário natural.

A MACEIÓ DOS NATIVOS: O CENTRO

O Centro de Maceió teve seu auge até meados do século XX. Localizado próximo ao Porto de Jaraguá, o bairro se desenvolveu por suas atividades comerciais, conectadas principalmente ao açúcar. Hoje, o bairro é uma mistura desorganizada do atual com o antigo, um mosaico caótico de lojas, casarões, igrejas e prédios públicos (fig. 6). No capítulo “Rua do Comércio”, do livro Maceió de Outrora, de Félix Lima Júnior (2014), o autor questiona o surgimento da rua homônima ao capítulo do livro.

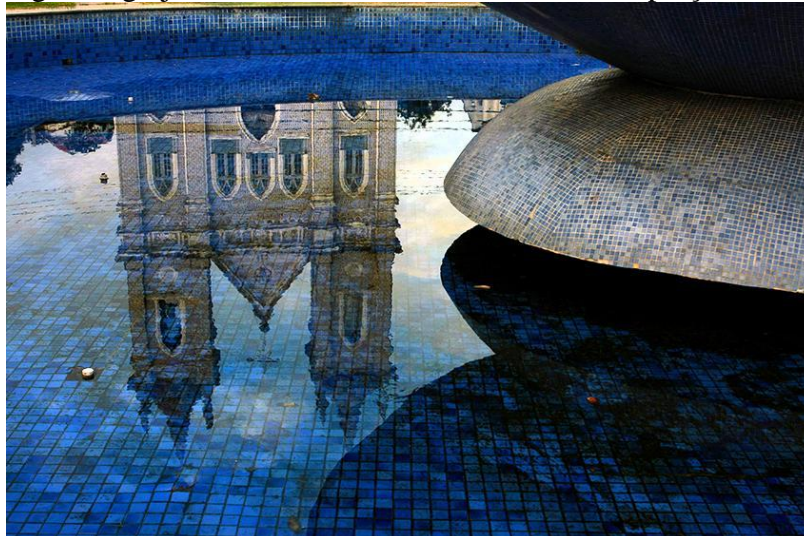
Evidentemente, o traçado da principal artéria desta capital se deve às rodas dos carros de bois do engenho que possivelmente se chamava Massayó, os quais iam buscar, em Bebedouro, na Cambona do Machado, na Água Negra, canas para a moenda e lenha para a fornalha. (LIMA JÚNIOR, p 131)

A praça dos Martírios abriga o conjunto arquitetônico dos Martírios, que inclui a Igreja dos Martírios e o Palácio Floriano Peixoto, recentemente transformado em museu. Antes da construção da igreja, em 1881, o local abrigava uma capela construída pela Irmandade do Bom Jesus dos Martírios. As novenas realizadas pela capela tomaram maiores proporções, resultando na realização da Festa dos Martírios, que durante décadas foi uma das maiores festas de Maceió. Isso atribuiu valor para a região, que logo demoliu a capela para a construção da igreja, seguida da construção do palácio, sede do governo estadual. Na segunda metade do século XX, uma fonte foi instalada para compor o conjunto da praça.

A praça, ou elementos dela, aparecem repetidamente nos cartões-postais estudados no período estudado por Campello (2011, p. 236), que explica que “quanto mais recorrente é um marco paisagístico, mais significativo ele é”. Ou seja, a Praça dos Martírios é parte da memória paisagística da época. Entretanto, com a mudança da população dessa região para outros bairros, o centro comercial de Maceió foi abandonado e, conseqüentemente, a Praça dos Martírios foi esquecida.

¹¹ Entrevista realizada com o antropólogo alagoano Bruno César Cavalcanti, via e-mail, em 4 de abril de 2017.

Fig. 6 – Igreja dos Martírios refletida em fonte da praça, Centro



Fonte: acervo Ricardo Lêdo

Foi também no Centro de Maceió onde a primeira obra arquitetônica moderna de Maceió foi construída: o edifício Brêda (fig.7), inaugurado em 1958, foi o início da inserção da capital alagoana no estilo arquitetônico em moda no Brasil à época, sobretudo graças à construção de Brasília. Entretanto, o prédio considerado histórico por sua inovação, logo deu lugar a histórias de suicídios. Também em função da mudança no perfil do bairro do Centro, o edifício Brêda se encontra hoje desvalorizado e sem manutenção, situação que acometeu outros bairros da cidade, conforme Villanova:

Era principalmente no Centro da Cidade e suas áreas de veraneio, como o bairro de Bebedouro, onde estavam erguidos belos palacetes. A mudança do perfil desses bairros acompanha o deslocamento de membros das classes mais favorecidas para outros bairros da cidade, tanto para habitar, como para estabelecer seus negócios. A esses antigos prédios e arrabaldes restaram só o desprezo e decadência.

Nesse sentido, o Centro de Maceió, ao contrário de outras cidades, não possui a função de referencial geográfico, já que a cidade, assim como seus signos, se orienta pelas águas, sejam elas do mar ou da lagoa.

Fig. 7 – Edifício Brêda, Centro de Maceió



Fonte: acervo Leo Villanova

Hoje o Centro de Maceió é um bairro que funciona apenas em horário comercial. Durante a noite, o local se torna deserto, em profundo contraste com a movimentação do dia. Nesse horário, suas praças e ruas servem como palco para a jornada de trabalho dos que fazem a limpeza do bairro, além de cama para mendigos e usuários de drogas e ponto de prostituição (fig. 8), sempre desassistidos pelo poder público. A mudança no perfil de um bairro é um processo normal no desenvolvimento da cidade. Conseqüentemente, com a desvalorização do Centro como área de moradias, seus símbolos também perdem valor para a população e eles acabam por ceder espaço para novos signos identitários, conforme Buitoni:

Mesmo que habitemos cidades em constantes transformações, com desconstruções e construções, há uma tendência da mídia em fixar imagens emblemáticas. Todavia, é importante considerar a paisagem em termos da mudança de seus objetos sociais. Ainda que uma imagem seja selecionada para indicar determinada cidade, precisamos pensar nas camadas de tempo que configuraram esse espaço. (BUITONI, 2013, p. 117)

Fig. 8 – Praça Deodoro, Centro de Maceió



Fonte: acervo Leo Villanova

Um fotógrafo que costuma percorrer as “bordas” da cidade é Celso Brandão. Com olhar de cineasta documentarista que também é e ao qual não escapa a realidade de seu lugar (no caso, Alagoas), Brandão costuma interessar-se por registrar lugares e personagens pouco fotografados, quase invisíveis, à margem. Com “engajamento poético”, como afirmou Pierre Devin (2016), sua fotografia constrói novos mapeamentos da cidade, invertendo formas de ver e sentir, como na imagem a seguir (fig. 9), na qual Brandão reconfigura esteticamente a relação entre a rua e o comércio informal no Centro.

Fig. 9 – Camelódromo no Centro de Maceió



Fonte: acervo Celso Brandão

OUTROS SIGNOS

Nem apenas de paisagens é feito o conjunto de imagens que compõe a memória visual de uma cidade. Muitas vezes, esse delicado registro de lembranças que conecta seus habitantes às pequenas histórias de um lugar é composto também de objetos ou construções. É o caso da escultura de uma sereia que povoa o imaginário dos maceioenses (ou residentes na cidade). Construída nos anos 1960 pelo escultor pernambucano Corbiniano Lins, ela foi instalada sobre arrecifes de uma praia no litoral norte da cidade e, graças a ela, o local foi batizado de Praia da Sereia. Também graças a isso, a praia, antes quase deserta, tornou-se popular e passou a ser muito frequentada por famílias, apesar de sua localização mais distante. Hoje o local é frequentado por

famílias mais humildes e, por essa razão, está ausente das campanhas de divulgação turística.

Registrada por Francisco Oiticica na série “Meu Odisseu” (fig. 10), a sereia representa um dos desafios do herói Ulisses em sua volta para casa. Atraído pelo hibridismo da sereia, o fotógrafo utiliza fotomontagem digital de forma que possa fatiar, devorar e deglutir o ser mítico, sobrevivendo à sedução de seu canto e de sua beleza, exagerada pelos traços afro-brasileiros feitos pelo escultor.

Fig. 10 – Estátua da sereia, na Praia da Sereia (série Meu Odisseu)



Fonte: acervo Francisco Oiticica

Apesar de o lazer resumir-se quase sempre à praia em Maceió, a cidade apresenta muitos outros espaços que, mesmo atualmente não sendo muito frequentados pelo aumento dos índices de violência, ainda sim são parte do arcabouço de lembranças e compõem o conjunto iconográfico dos fotografos estudados neste período de 10 anos (2007-2016).

Bairros como Centro e Jaraguá, um dia tiveram enorme importância e estiveram em evidência por quase todo o século 20, até se tornarem nada mais que bairros comerciais desordenados. Félix Lima Júnior (2014) relata o quão importante e charmosa era a Rua do Comércio no início do século passado, área de lazer. Atualmente a rua é estritamente comercial e funciona das 8h às 18h.

Locais antes planejados para serem usados como áreas de convívio social, hoje são ambientes de despejo de lixo e ponto de drogas, como é o caso do antigo

Papódromo (construído em 1991 para receber a visita do papa João Paulo II), localizado na orla lagunar, no Trapiche da Barra, às margens da lagoa Mundaú. A região é uma das mais pobres da cidade, com altos índices de criminalidade e sem infraestrutura básica, como saneamento e água encanada.

Renata Voss (fig. 9) apresentou uma fotografia deste local, retratando seu esquecimento, através de técnicas como goma bicromatada e processos químicos que representam o “desaparecimento” do espaço.

Fig. 9 – Papódromo



Fonte: acervo Renata Voss

O fotógrafo e pesquisador Boris Kossoy discorreu sobre a importância dos registros fotográficos para a construção da memória:

Em conexão com as mais diversificadas fontes que informam sobre o passado, têm-se maiores elementos para compreender a atitude dos personagens estáticos e mudos e dos cenários parados no tempo, assim como possíveis pistas que esclareçam quanto à atuação do próprio fotógrafo que registrou seus temas segundo uma determinada intenção. Conjugando essas informações ao conhecimento do contexto econômico, político e social, dos costumes, do ideário estético refletido nas manifestações artísticas, literárias e culturais da época retratada, haverá condições de recuperar micro-histórias implícitas nos conteúdos das imagens e, assim, reviver o assunto registrado no plano do imaginário. (KOSSOY, 2014, p. 117)

Sob essa ótica, a fotografia sempre narra uma história e é possível, através dela, fazer pequenos “resgates” do passado. Dessa forma, nota-se que o registro iconográfico da cidade vai se desenhando de uma nova maneira, seguindo o curso das mudanças que ocorrem no espaço urbano, em razão das adversidades e desafios que a contemporânea, multifacetada, desigual e violenta Maceió apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante compreender que as fotografias selecionadas não remetem à história completa das mudanças ocorridas na paisagem iconográfica de Maceió no período de 2007 a 2016, com suas perdas e ganhos.

Dessa maneira, nem os cartões-postais que circularam nas quatro primeiras décadas do século 20, época em que eram bastante populares, representam fidedignamente a realidade da época, sendo apenas um recorte da memória paisagística da capital alagoana daquele tempo.

A partir da análise de imagens de Maceió produzidas e publicadas nos últimos 10 anos, é possível observar que, para além das respostas definitivas e da inegável força da orla marítima como imagem-símbolo da cidade, há o desejo de buscar representações que revelem uma Maceió invisível nas campanhas de turismo: segregada, violenta, ou como batizou o poeta Lêdo Ivo, a “Miami dos mendigos”.

REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. **A cidade e a imagem** / Organizado por Carlos Costa e Dulcilia Schroeder Buitoni. Jundiaí: Editora In House, 2013.

BRANDÃO, Celso. **Caixa-preta: fotografias de Celso Brandão**. São Paulo: Editora Madalena; Itália: Contrasto, 2016.

CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. **Cartões Postais: a construção coletiva da imagem de Maceió – 1903-1934**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta** – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de Outrora**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.

MACEIÓ. Prefeitura Municipal de Maceió. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU)/ Plano Setorial de Desenvolvimento Urbano. Prefeitura Municipal de Maceió. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). Maceió: Instituto Municipal de Planejamento e Ação Regional (IMPAR), 1995.